

## VOCÁBULOS XUKURU: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO ESPECÍFICA, INTERCULTURAL E ANTIRRACISTA

Daiana Alves dos Santos<sup>1</sup>  
Maria Silvaneide Faustino Nogueira<sup>2</sup>  
Layane Gabriely Alves da Silva<sup>3</sup>  
Edgreyce Bezerra dos Santos<sup>4</sup>  
Alexsander Costa<sup>5</sup>

### RESUMO

Considerando que já existiu uma língua materna no povo Xukuru do Ororubá (Pesqueira-PE), após o processo de colonização, restaram-lhes apenas vocábulos, termos que simbolizam a luta e resistência perante séculos de massacres, silenciamentos e apagamentos da identidade deste povo. Frente a este contexto e em consonância com os artigos 210 e 231 da Constituição Federal de 1988, o presente estudo tem por finalidade analisar o que restou da língua materna Xukuru, ao longo do desdobramento histórico vivenciado pelo povo, quebrando com a diversidade de preconceito e discriminação. Partido do refletir e valorizar os saberes ancestrais acerca dos vocábulos como instrumento de fortalecimento da identidade étnica. Logo a história de resistência na busca por garantia do direito a viver no território originário, vem aliado a luta pela Educação Específica, Diferenciada e Intercultural, pautada nos ensinamentos dos toypes (velhos), concretizando assim o objetivo da educação escolar indígena, que é formar guerreiros e guerreiras críticos e conscientes de seus direitos e deveres. Ressalta-se que a metodologia precederá por meios qualitativos, baseado no campo exploratório e descritivo, visando os diversos meios de coletas de informações: Pesquisa de campo, observações em sala de aula, entrevistas, questionário aberto e oficinas práticas, contado com a colaboração dos mais velhos do povo e professores/as dos anos finais e médio da Escola Intermediária Monsenhor Olímpio Torres/Indígena Milson e Nilson (EIMOT/INM). Quanto aos saberes catalogados e sistematizados na pesquisa serão compartilhados com os/as docentes indígenas para reflexão e construção de metodologias ativas que colaborem com a efetivação de uma educação escolar antirracista, comprometida com a circularidade dos saberes ancestrais, no Bem Viver, pautando-se na territorialização étnica, geográfica e identitária dos/as alunos/as Xukuru do Ororubá.

**Palavras-chave:** Vocábulos Xukuru, Antirracista, Identidade, Ancestrais, Resistência.

---

<sup>1</sup> Graduada pelo curso Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Pernambuco-CAA, em curso na Pós-Graduação em Educação Intercultural, Indígena e Quilombola, IFPE-Campus Garanhuns, [daiana8785@gmail.com](mailto:daiana8785@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduada pelo curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em curso na Pós Graduação em Educação Intercultural, Indígena e Quilombola, IFPE- Campus Garanhuns, [silvinhaxukuru@hotmail.com](mailto:silvinhaxukuru@hotmail.com);

<sup>3</sup> Discente do Curso de Pós-graduação em Educação Intercultural Indígena-quilombola e Antirracista do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Garanhuns, [layane.alves@pesqueira.ifpe.edu.br](mailto:layane.alves@pesqueira.ifpe.edu.br);

<sup>4</sup> Graduada pelo curso de Biblioteconomia-Universidade Federal de Pernambuco, [edgreyce.santos@pesqueira.ifpe.edu.br](mailto:edgreyce.santos@pesqueira.ifpe.edu.br);

<sup>5</sup> Mestre pelo Curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [alexsander.costa@barreiros.ifpe.edu.br](mailto:alexsander.costa@barreiros.ifpe.edu.br).

## INTRODUÇÃO

A finalidade deste estudo é compreender e evidenciar o processo histórico de extinção da língua materna Xukuru, hoje apenas “*vocábulos*”, para que assim, em um momento posterior, a partir dos registros alcançados, possa SE fortalecer a luta e resistência deixada pelos antepassados, mantendo-as viva, valorizando-as como fonte de sabedoria da identidade étnica cultura. Fomentando a prática desse elemento em contextos gerais, promovendo ações de preservação do diálogo/respeito, demonstrando o quão importante se faz a construção do projeto de vida das futuras gerações, contextualizando a reafirmação do ser guerreiro pertencente ao Território Xukuru do Ororubá.

Diante dos relatos históricos, compreendemos que a extinção da língua materna Xukuru perpassou por vários processos a iniciar pela invasão portuguesa e conseqüentemente pela catequização dos ancestrais, tendo da igreja católica apostólica romana como principal responsável no facilitar a invasão portuguesa nas terras indígenas. Considerando que as histórias são contadas por meio da oralidade, é notório que ao perder sua língua, muitos saberes e histórias ancestrais deixam de existir, assim os conhecimentos tornam-se impossíveis de se recuperar, e outras modificações começam a surgir mediante a própria cultura, desestruturando a identidade de povo originário.

Logicamente, a região territorial Xukuru foi uma das mais afetada com o massacre colonial, resultando no processo de extinção quase que total do idioma indígena, e dessa forma dolorosa, nossos ancestrais foram proibidos de falar vossa língua, aos que resistiam, eram tidos como bicho, pessoas sem almas, diziam que elas estavam possuídas, demonizadas. Sendo a principal consequência deste desastre, a abolição parcial da língua tradicional. Restando-nos a forte conexão entre os vocábulos e demais elementos culturais Xukuru. Nossos mais velhos dizem que é na arte que confirmamos a existência do povo dando suporte para vivenciarmos a nossa cultura, crenças, tradições, vocábulos/idioma e demais elementos que fortalecem nossa identidade. Logo a arte possibilita a autoafirmação enquanto indígena Xukuru do Ororubá, e nos ajuda a manter contato com os nossos antepassados junto a mística religiosa e a Mãe Natureza. Lideranças Xukuru.

É inegável que somos seres de direitos, pautados na constituição de 1988, em destaque os artigos específicos. 231: “*São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, **línguas**, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.*” (CF1988)

E artigo **210**. § 2.º *O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas **línguas maternas** e processos próprios de aprendizagem.* (CF1988)

São estes que nos permitem, um maior aprofundamento acerca das problematizações da sociedade, que se prestam em si, por evidenciar o preconceito e discriminação mediante a pratica de

suas crenças, costumes e língua materna. Historicamente foi ensinado o Brasil foi descoberto no dia 22 de abril de 1500, no entanto, como relatado acima, o que ocorreu verdadeiramente foi uma grande invasão em todo o território brasileiro, causando grandes impactos principalmente para os povos originários que essas terras habitavam, assim, quando os colonizadores chegaram, ocasionaram um episódio marcante na história do mesmo, atribuindo o título de “Descobrimto do Brasil”, contudo, existe a problemática quanto a esta tal “descoberta” das terras brasileiras.

Diante deste contexto, consideramos que o Brasil foi um país que sofreu com a chegada dos invasores, que ao avistarem as terras brasileiras, estimavam-se que haviam cerca 5 milhões de indígenas habitando o litoral brasileiro, contudo, logo no primeiro século, toda a população indígena foi reduzida a 4 milhões, devido as doenças trazidas por eles, mas, vale ressaltar que o intuito primeiro de Portugal não era dirigir-se para o solo brasileiro, o principal objetivo seriam as terras Indianas, a fim de descobrir uma nova rota para chegar ao grande mercado de especiarias provenientes naquela região que era dominado pelos Italianos, no entanto chegaram as margens do território brasileiro. Mantendo-se primeiro contato com os indígenas, os denominaram de selvagens, isto porque, o povo ali presente possuíam uma coloração de pele diferente, andavam desnudos e não usarem vestimentas ditas como adequadas, referindo-se, depararam-se com uma língua diferente abordada pelos indígenas. Estes dividiam-se em dois grandes troncos linguísticos e mais 13 famílias linguísticas, que não apresentam graus de semelhanças suficientes para que possam ser agrupadas em troncos.

Destaca-se que até os dias atuais, os estudos sobre as línguas indígenas no Brasil, nesse sentido os conhecimentos sobre elas permanecem sempre em pesquisas a percebe a origem da língua Xukuru do Ororubá, uma vez que há poucos trabalhos, como (o livro filho da mãe natureza, o TCEM trabalho de conclusão do ensino médio com o tema Língua/vocábulo Xukuru do Ororubá e o livro Brobó manual da língua Xukuru), acerca da mesma, diante dessa pesquisa, pode-se identificar duas linhas de possíveis origem, uma expõe como sendo do tronco Macro-jê e outra do tronco Tupi, dando-nos meios de dúvidas, sem caminhos de sanar a mesma, por entendermos a ausência dos mais velhos em nosso território, os que restam são os que apresentaram esses aspectos supracitados.

O que mais chama a atenção, são os resultados obtidos a partir da pesquisa, no qual podemos compreender melhor o todo, ou seja, como a língua materna foi extinta e nos sobrando apenas vocábulos. E que só a partir da conquista dos artigos na constituição é que tivemos o direito de buscar por nossa língua, vestígios deixados pelos mais velhos, sendo que por muito tempo o povo Xukuru foi proibido de falar a sua língua materna, e tudo começou quando os europeus invadiram o Brasil, mudando as vidas e os costumes dos vários povos que ali viviam.

Por fim, vale mencionar que, logo após a primeira fase, marcada pela invasão dos portugueses, Marquês de Pombal decreta uma lei denominada Pombalina, em 1750. Este fator, acentua ainda mais o cenário de perseguições e apagamento étnico racial, contexto no qual o povo Xukuru também se

inclui. Vamos para o passado, onde após esse período de invasão, veio o Marquês de Pombal que decreta uma lei chamada de pombalina, em 1750 e segue-se com as perseguições aos indígenas, o qual foram proibidos de usarem suas vestes, obrigados a adotarem novos hábitos, costumes, crenças, catequizara-os, aprenderam a língua portuguesa e foram mortos e explorados nas diversas formas, os poucos que tiveram coragem usavam a língua e demais costumes as escondidas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A dominação portuguesa com o processo de colonização das terras brasileiras e por seguinte, dominação dos povos que habitavam no chamado novo mundo, não se deu, apenas pela exploração de suas riquezas naturais e extermínio físico deste povo. Para além disso, a estratégia de invasão, conquista e dominação, também ocorreu no campo da imaterialidade e subjetividade cultural. Neste aspecto a linguagem foi um dos pontos a serem observados. Neste sentido, cabe a seguinte indagação: como dominar um povo sem conhecimento de sua cultura, sobretudo, de sua língua. Entendendo que ao perder a língua, perdem-se as práticas culturais.

Em síntese, o propósito dos colonizadores era explorar todo o território e exportar para outros países, sendo assim gerado lucro para os mesmos. Este movimento pode ser sintetizado a partir de três princípios básicos contra os povos originários, denominado: guerra justa, conversão e a mistura.

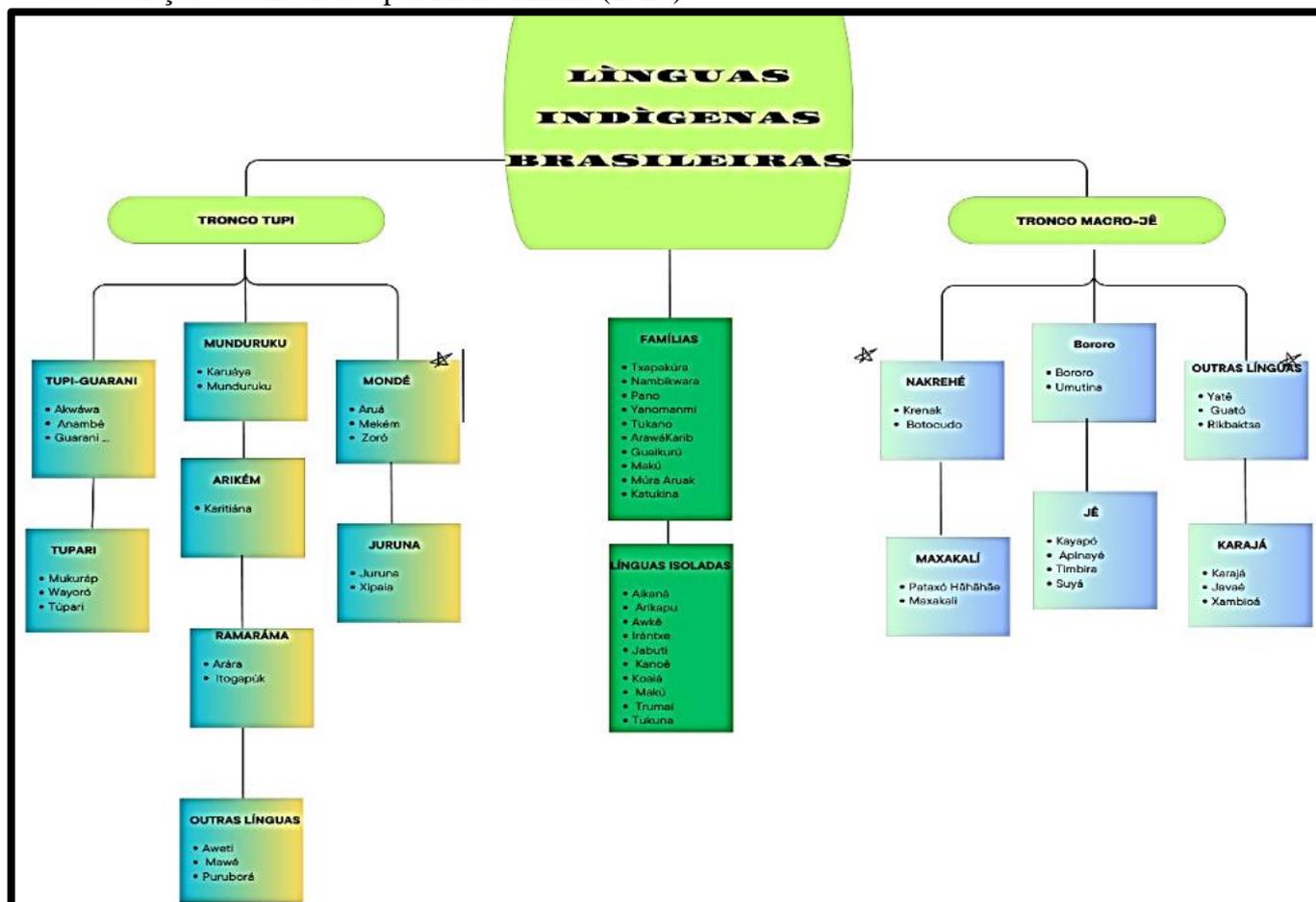
A guerra justa, se concretiza nas entradas dos bandeirantes no Sertão, no qual seu principal argumento era o enfrentamento da resistência indígena, ou seja, por não se submeterem à exploração de suas terras eram chamados de selvagens, brutos e mal-educados. Tais conflitos se alongaram por dois séculos, nestes estados: Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará e Pernambuco. Como consequência dos prolongamentos desses conflitos, ocorre um denso povoamento no interior das extensas sesmarias e o “amansamento” dos indígenas.

Simultaneamente ocorre a segunda estratégia. A conversão, por meio dos missionários jesuítas, capuchinos, oratorianos e franciscanos repartiram entre si os aldeamentos, o que ocasionou sua retirada do poder dos missionários sobre os aldeamentos em 1775. Por fim, o processo de mistura que corroborou para o deslocamento dos povos indígenas para fora da sua matriz cultural, a partir de casamento inter povos, neste sentido, entre portugueses e indígenas. Em síntese a organização administrativa da Colônia, foi o grande incentivo para assimilação (física e cultural), utilizado com o propósito de descaracterizar e fazer fortificar o discurso do apagamento ou mesmo da extinção dos povos originários e, com isso, justificar a posse de suas terras.

A visualizar as principais consequências sobre todo esse permanente processo de destruição dos povos originários, por equivalência, no campo subjetivo, toda oralidade, isto é, a linguagem foi

comprometida, chegando até mesmo ao completo desaparecimento. Os povos do nordeste foram as maiores vítimas desse artifício, em que somente os Fulni-ô de Águas Belas, em Pernambuco, conseguiram manter a língua usando-a ao lado do Português como bilinguismo.

Acrescentando a conjuntura dos povos originários que sofreram com a posse das terras, incluir o povo Xukuru do Ororubá, que segundo fontes ancestrais, apresentam dúvidas na origem da língua, consequência da violência deixada pelos invasores, onde hoje são poucos os mais velhos que detém do conhecimento sobre idioma materno, onde uns trazem como pertencermos ao tronco Tupi e outros do tronco Macro-jê, dando-nos elementos de dúvidas, sem caminhos para sanarmos a mesma, por entendermos a carência dos mais velhos em nosso território, que na sua maioria já se encantaram<sup>6</sup> e os que permanecem são os que apresentaram esses aspectos supracitados. Em linhas gerais a origem de nosso idioma, considerando todas as línguas indígenas se expõe, é melhor compreendido a partir da tabulação desenvolvida por Melo e Lima (2023):



Havia-se uma estimativa de 1.300 línguas indígenas faladas no Brasil em 1500, hoje sendo apenas 274, porém somente 180 foram catalogadas pelos linguistas, entre 896.900 falantes indígenas espalhados por 5.565 municípios. Na perspectiva de línguas extintas se tem o povo Xukuru da Serra do Ororubá, localizada no agreste pernambucano, a 215 quilômetros do Recife, entre os municípios

de Pesqueira e Poção, com 27.555 hectares de terras, divididos em três regiões (serra, agreste e ribeira), uma estimativa de mais de 12 mil indígenas, entre o território e a cidade de pesqueira, a população se distribui em 24 aldeias ao todo, sendo que cada aldeia tem uma liderança, pessoa responsável pela condução das aldeias junto ao cacique/pajuru e demais estâncias de organização do território.

Atualmente, demanda-se que todo povo se faz uso de vocábulos isolados e não mais sua língua materna, pela dura imposição do Europeu. Por questão de sobrevivência, esses povos tiveram que acomodar seus dialetos ao Português e, como a língua em desuso se apaga, foi assim que o Português fixou residência e passaram os índios, dessa forma o mundo dos indígenas foi reconstruído por intermédio de políticas homogeneizadoras.

Por mais que tivessem direitos, eles não os reconheciam e não sabiam reivindicá-los, até o surgimento de um líder (Xikão). O que ocorrera de fato para que uma imensa quantidade de povos, com suas respectivas línguas tenham simplesmente desaparecido, aparece tidas estratégias de dominação e tentativa de etnocídio pelos dominadores portugueses. Além da perda e quebra de elementos culturais importantes; o apagamento da própria língua, uma estigmatização; e perda de identidade linguística e cultura, são consequências vigentes até as gerações presentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A problematização que permeia sobre a língua Xukuru se dá nesse contexto de perda e tentativa de revitalização, em que outros elementos simbólicos equivalem em potencial como situação de identificação étnica, pois entendemos que a relação língua-nação está presente nos objetos simbólicos e rituais. Os nossos antepassados perderam a língua, e muitos sequer conheceram o idioma ancestral, porém, valores e sentidos inerentes à cultura são elementos preservados e perpetuados através da língua portuguesa. E são esses valores que nos diferenciam dos não indígenas, sendo essa tentativa de apagamento étnico dos povos indígenas percebida ao longo de toda a historiografia.

É perceptível a busca pela valorização dessa língua/vocábulos, que sempre envolveu conflito, resistência e sincretismo. Por sermos falantes do português como primeira língua, certos de que isso não nos faz deixar de sermos Xukuru, somos indígenas, independente da língua que falamos, visto que nossa identidade está afirmada a partir da prática de nossas crenças e costumes tradicionais.

As reflexões levantadas ao longo desta pesquisa nos conduziram algumas considerações pontuadas a partir do processo de luta e garantia dos direitos, principalmente o direito ao território de forma visível que na região Nordeste só há uma etnia que conseguiu manter viva sua língua, esse povo é os Fulni-ô, localizado no município de Águas Belas, onde consideram a língua seu principal

elemento de identificação étnico cultural, com isso vivenciam um processo de fortalecimento de sua identidade étnica, na busca incessante pela preservação da sua língua ancestral.

No caso do povo Xukuru, a sua autoconsciência e reconhecimento direitos específicos, por se saberem, povos originários, coincide com a liderança do cacique Xikão. Sua particularidade reside, não só na capacidade de reivindicar o reconhecimento do território Xukuru, mas também por compreender a importância do resgate, manutenção e transmissão para as novas gerações, da verdadeira identidade cultural deste povo.

Reconheceremos que a língua não é o único elemento de identificação étnico cultural, tendo outros elementos como fortes indicadores como a crença, fé nos encantados, os rituais e espaços sagrados. Compreendo que eles são a nossa base de construção, que sustentou com discernimento e sabedoria todo o processo de conquista e garantia dos nossos direitos. Para crer, carece permitir-se, manter-se e sentir-se tocado pela força dos encantos de luz presentes nos diversos espaços do território, seja nos rituais, nas matas, nas pedras, nas águas ou no ar, o que realmente precisa é acreditar e ter fé em algo que não se vê, não se toca, só se sente, é algo que vai além dos olhos e ouvidos, assim é o sagrado da mãe natureza, e isso é o que nos revela enquanto ser Xukuru.

Diante de toda essa força ancestral que nosso povo/território carrega em sua bagagem histórica, se permite passar por um processo de descobertas, onde somos movidos pela força ancestral que muito resistiu a todo processo de tentativas de extinção da cultura tradicional, e assim às escondidas conseguiram preservar e cultivar vários destes aspectos. Numa perspectiva geral, é plausível a perseverança no transformar a realidade diante da conexão com a natureza e ensinamentos transmitidos de geração em geração.

Com isso se faz necessário a busca por resgatar as raízes históricas do povo e a comunicação dos antigos que permite entender o pensamento ancestral. Podendo acontecer de forma interdisciplinar a partir da realidade contextualizada, promovendo as gerações presentes, oportunidades de qualidade no aprender e valorizar seus direitos, frutos de muita luta e resistência dos ancestrais e sonhada e idealizada pelo grande líder Xikão Xukuru.

A garantia de permanência do Território Xukuru do Ororubá parte do fortalecimento da identidade étnica, que vos são garantidos como qualidade de vida, na formação do guerreiro e guerreira Xukuru, socialmente consciente de seus direitos e deveres. Dessa maneira, o trabalho com os vocábulos se faz essencial, contextualizando os direitos constitucionais, permeando e assegurando a valorização e prática efetiva do currículo intercultural, específico e diferenciado, concretizados pelos princípios e eixos, que norteiam a educação escolar indígena.

Para o Povo Xukuru, o princípio vai além do que se entende enquanto um conjunto de normas e padrões. Fundamenta-se da relação do sujeito/indígena com a sua própria natureza. Entendemos por natureza, tudo que é vivo em nós, que pulsa através do que somos, sentimos, vemos e fazemos.

Neste sentido, a história viva dos povos tradicionais, do povo Xukuru do Ororubá orientada pela natureza sagrada, com o objetivo de fortalecer uma nação, aponta como elementos de sua estrutura a Especificidade, a Coletividade, a Interculturalidade o respeito às Diferenças, buscando compreender e fortalecer em si e no outro, sua identidade étnica.

A nossa identidade étnica, vivida, vivenciada e fortalecida a partir das memórias dos nossos toypes fundam os eixos que norteiam os processos da organização e da pedagogização através da resignificação dos princípios. Xukuru do Ororubá: Ancestralidade, Saber e Tradição/Conselho de Professores Indígenas Xukuru do Ororubá. 2022

A partir de alguns princípios basilares, tais como: A Interculturalidade, Diferença, Coletividade e a Especificidade; e os eixos: A Espiritualidade, Território, História, Identidade, Organização, Agricultura e a Interculturalidade. A educação escolar fortalece as crenças e tradições cultural deixado pelos ancestrais, entendendo não ser algo fácil, por depender de um comprometimento individual de cada ser indígena, visto os desafios e avanços tecnológicos em meio a toda sociedade que cercam.

Nos momentos de rituais quando estamos louvando aos deuses, Tupã, Tamain, nas salas de aula quando várias expressões linguísticas são utilizadas, como: Bremem, Elaremén, Tataranén, dentre outras que são presentes, a exemplo os nomes das nossas escolas, que carregam os vossos nomes em vocábulos, mesmo não estão legalizados perante o estado, isso não nos impede de usar diariamente as nossas próprias estratégias didáticas pedagógicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOSTILA. *Constituição estudantes da Escola Indígena Ororubá.*

ALMEIDA, Eliene Amorim de (Org). *Xukuru - Filhos da mãe natureza: uma história de resistência e luta.* Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire, 2000.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na História do Brasil.* Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ARRUTI, José Maurício Adoniran. Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 57-94, 1995.

BRASIL. **Constituição** (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil.* Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CUNHA, Manuela Carneiro. *História dos Índios no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GILES, H.; COUPLAND, N. *Language: contexts and consequences.* Pacific Grove (Ca): Brooks, Cole, 1991.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LAPENDA, Geraldo Calábria. O dialecto Xucuru. *Doxa* (Revista Oficial do Departamento de Cultura do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia de Pernambuco da Universidade do Recife), ano X, n. 10, p. 11-23, 1962.

LEITE, Yonne. *Línguas indígenas brasileiras e a esperança de um futuro*. Rio de Janeiro: UFRJ, Museu Nacional e GFU, 2009.

LUDEMIR, Chico. Povo Xukuru: pé no chão e raízes profundas. *Revista Continente*, Edição Extra, 2019. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/secoes/extra/povo-xukuru--pe-no-chao-e-raizes-profundas>. Acesso em: 9 jun. 2019.

### **Entrevistas:**

ASSIS, Francisco de Jorge de Melo. Entrevista concedida a [nome do entrevistador]. [Local da entrevista], [data da entrevista].

BIBI, Xukuru. Entrevista concedida a [nome do entrevistador]. [Local da entrevista], [data da entrevista].

VANDERLEI, José da Paz. Entrevista concedida a [nome do entrevistador]. [Local da entrevista], [data da entrevista].

LUIZ, Fábio da Silva Filho. Entrevista concedida a [nome do entrevistador]. [Local da entrevista], [data da entrevista].

JORGE, José de Melo. Entrevista concedida a [nome do entrevistador]. [Local da entrevista], [data da entrevista].

CARLOS, João da Silva Bezerra. Entrevista concedida a [nome do entrevistador]. [Local da entrevista], [data da entrevista].

FERREIRA, Paulo Leite. Entrevista concedida a [nome do entrevistador]. [Local da entrevista], [data da entrevista].

MONTEIRO, Antônio Leite (Seu Medalha, mestre gaitero). Entrevista concedida a [nome do entrevistador]. [Local da entrevista], [data da entrevista].

SILVANEIDE, Maria Faustino Nogueira. Entrevista concedida a [nome do entrevistador]. [Local da entrevista], [data da entrevista].

RODRIGUES, Pedro Bispo. Entrevista concedida a [nome do entrevistador]. [Local da entrevista], [data da entrevista].

BARBOSA, José dos Santos. Entrevista concedida a [nome do entrevistador]. [Local da entrevista], [data da entrevista].

SIMPLÍCIO, Micaele. Entrevista concedida a [nome do entrevistador]. [Local da entrevista], [data da entrevista].

ANEXOS

## DICIONÁRIO DOS VOCÁBULOS

IMAGEM	VOCÁBULO	RADUÇÃO	SIGNIFICADO	EXEMPLO DE USO
	<b>PUCRERON</b>	<b>ABELHA</b>	São insetos voadores com importante papel na polinização das plantas/flores.	A Pucreron além de polonizar nossas flores, ainda tem a missão de fazer um delicioso mel.
	<b>IMBULA</b>	<b>BOLACHA</b>	Bolacha é uma espécie de alimento achatado de farinha muito fina.	A imbula são necessárias todas as manhãs.
	<b>XABÁ</b>	<b>CALÇADO</b>	Objeto de sola dura que protege o pé.	Comprei um xabá para meu pai, mas precisei trocar pois ficou muito grande.
	<b>INTAIA</b>	<b>DINHEIRO</b>	Meio de pagamento, na forma de moedas ou cédulas.	O importante é ser feliz mesmo com pouco intaia.
	<b>CLARIMEN</b>	<b>ESTRELA</b>	Grandes esferas compostas de gás hélio e hidrogênio, encontrada brilhando no céu.	Quando o clarismon se pôs, a clarismem nasce para brilhar.
	<b>CHATA</b>	<b>FAVA</b>	Semente parecida com feijão, usada como alimento.	A chata é muito saborosa, porém não é todos que sabem prepara-la.
	<b>MEMBY</b>	<b>GAITA</b>	Instrumento musical usado somente pelo povo Xukuru, como forma de se conectar com os ancestrais.	Ao som do memby podemos sentir a força do Rei de Ororubá e de nossos encantos de luz.

	<b>OMBRERA</b>	<b>IR EMBORA</b>	Sair de um certo lugar.	Vamos fazer ombreira das quiá do limaolaygo quando terminamos as obrigações.
	<b>JAJÉ</b>	<b>JOELHO</b>	Articulação sinovial formada entre três ossos: fêmur, tíbia e patela.	Ficamos de jajé perante o peji nas quiá do limaolaygo para pedir aos encantos.
	<b>CREXER</b>	<b>LENHA</b>	Madeira usada para fazer fogo.	Fazemos uma grande jabaí toê com crexer em Cimbres na festa na nossa Toipa Tamain.
	<b>XIGO</b>	<b>MILHO</b>	Cereal extensivamente utilizado como alimento.	Festejamos a festa do xigo no tempo do kaô no mês de junho.
	<b>CHABATANA</b>	<b>ONÇA</b>	Mamífero carnívoro encontrada nas américas, parecida com um gato.	As chabatanas vivem nas quiá do limaolaygo na Serra do Ororubá.
	<b>PUJI</b>	<b>PÃO</b>	Alimento produzido a partir da farinha de cereal, água, sal/açúcar.	O puji é um alimento delicioso, porém não é tão benéfico a saúde.
	<b>QUIÁ DO LIMOLAYGO</b>	<b>MATAS</b>	Espaço coberto de plantas silvestres de portes diversos.	É nas quiá do limaolaygo que encontramos Tupã e os encantados de luz.

	<b>PAJURU</b>	<b>CACIQUE</b>	Líder do povo indígena, que faz o chamamento e busca por nossos direitos.	O pajuru é um líder de grande importância para o povo Xukuru, pois é através dele que conquistamos melhorias para o território.
	<b>CLARISMOM</b>	<b>SOL</b>	É a estrela central do sistema solar.	Clarismom nasce para abrilhantar ainda mais nossas manhãs.
	<b>LIMOLAYGO</b>	<b>TERRA</b>	Elemento sagrado para nosso povo, temos a mesma como nossa Mãe.	É a partir da limolaygo que obtemos nossa subsistência, alimentos sagrados.
	<b>XACREGO</b>	<b>URINA</b>	Líquido excretado pelo aparelho urinário, formado por água, minerais e orgânicas.	O opipe da minha tia fez xacrego na roupa, bem na hora que ela ia para a cidade.
	<b>ARUANO</b>	<b>CAVALO</b>	Animal quadrúpedes, usado por muitos como transporte para humanos e cargas diversas.	O aruano do meu colega é extremamente bravo, apenas ele consegue doma-lo.
	<b>XUAR</b>	<b>ÁGUA</b>	O sangue da terra, considerada sagrada e nosso bem precioso.	A xuar é o sangue da nossa Mãe Terra, por isso é sagrada e devemos preservá-la.
	<b>INXA</b>	<b>CARNE</b>	Parte do corpo animal, que serve como alimento humano.	A inxa é um alimento rico em proteínas, que constrói e manter a massa muscular magra em nosso corpo.
	<b>BARRITINA</b>	<b>COROA DA PALHA DO COQUEIRO</b>	Coroa feita de palha de coco, símbolo de nossa identidade Xukuru do Ororubá.	A barritina é símbolo de luta e resistência para o povo Xukuru.